

Fernando Molica

Lula e o emprego do passado

Um conselho de Lula a uma jovem de 22 anos, semana passada, durante entrega de apartamentos no Rio, ajuda a explicar o porquê dele ser tão mal avaliado entre jovens. Ainda preso à lógica do emprego de carteira assinada, o presidente diz pra moça a estudar para ter uma profissão e um salário.

Deve ser difícil para alguém com sua história de vida entender a rejeição à CLT. Um dos milhões de nordestinos que migraram para o Sudeste nos anos 1950, Lula foi um dos muitos beneficiados pelo modelo de industrialização que exigia muita mão de obra e entregava salários bem razoáveis para o padrão brasileiro.

Lula é de uma geração que encontrou nas fábricas profissão, emprego e possibilidade de ascensão social. Formou-se torneiro mecânico graças a um convênio de sua empresa com o Senai. Em depoimento publicado por Fernando Morais no primeiro volume de “Lula”, biografia do presidente, o petista contou:

— Fui o primeiro filho da minha mãe a ter uma profissão, eu fui o primeiro filho da minha mãe a ganhar mais que o salário mínimo, eu fui o primeiro a ter uma casa, eu fui o primeiro a ter um carro, eu fui o primeiro a ter uma televisão, eu fui o primeiro a ter uma geladeira.

Foi também nas fábricas que ele descobriria a vida sindical, a organização dos trabalhadores, abraçaria projetos coletivos, entraria para a política, chegaria à Presidência da República. Mas, hoje, seria quase impossível repetir sua história de trabalhador. Dificilmente alguém nas mesmas condições que ele conseguiria emprego semelhante, não há mais tantas boas vagas para jovens como o que ele foi.

A visão coletiva do trabalho, que fortalecia sindicatos e possibilitava greves, deu lugar a projetos individuais, muitas vezes ligados à ideia do empreendedorismo. Até a prática religiosa mudou: saiu a lógica socializante da Teologia da Libertação católica e entrou a Teologia da Prosperidade evangélica.

A luta pela adoção de uma escala de trabalho menos cruel que a de seis por um é justa e necessária. Mas, Lula, jovens querem mais do que ficar de pé o dia inteiro atrás de balcão de farmácia ou de lanchonete. Sabem que, do jeito que a banca toca, ficarão pra sempre enchendo tanques de carros alheios e voltarão de ônibus pra casa.

Por mais frágil que seja a ideia de considerar empreendedor aquele que rala entregando comida sobre uma moto, a opção é tida como mais interessante para milhões de jovens que não querem reproduzir a história familiar de pobreza. Estudar é fundamental, mas demanda um investimento de muitos anos e de resultados incertos, é só ver a disputa acirrada por vagas em concursos públicos.

Ao pregar uma visão de trabalho antiga, Lula acena com o passado, e não com o futuro — e recebe a tréplica nas pesquisas que apontam sua impopularidade entre jovens; rapazes e moças que querem ir além da carteira assinada e da casa em conjunto habitacional entregue pelo governo.

São pessoas que querem fugir da história do aprender a pescar: pescadores ganham muito pouco, afinal. Talvez Lula se torne mais atraente se acenar também com alternativas, inclusive educacionais, que ajudem esses jovens a montar pequenas empresas e negócios, até mesmo relacionados à pesca.

Tales Faria

Aécio admite conversas com Rodrigo Pacheco em MG

Presidente nacional do PSDB e ex-governador de Minas Gerais, o deputado Aécio Neves admitiu à coluna que tem conversado com o senador Rodrigo Pacheco (PSD-MG) sobre a possibilidade de apoiá-lo para governador em outubro.

Os dois se encontraram nesta terça-feira, 10. Pacheco pretende, em troca do apoio de Aécio, tê-lo como seu candidato ao Senado. A ideia é trabalhar com dois palanques. Um, com Aécio Neves e o PSD, e outro, com o apoio ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), tendo como candidata ao Senado a prefeita petista de Contagem, Marília Campos.

Procurado pela coluna, Aécio foi claro: só definirá se apoia Pacheco a partir de maio. Antes, quer saber se ele realmente será candidato.

“Vejo o cenário em Minas ainda completamente indefinido. Apesar de estarmos conversando com outros partidos, o PSDB só definirá seu caminho a partir do mês de maio. Até lá é preciso sabermos com clareza quais são os reais candidatos ao governo. Ainda há muita indefinição no ar”, disse.

Um forte elemento de indefinição é o próprio PT. O partido tem dificuldades no estado em se aproximar dos tucanos e do próprio Rodrigo Pacheco, que se elegeu senador pelo PSDB em 2018 derrotando a ex-presidente Dilma Rousseff (PT).

Pacheco está inseguro sobre o apoio efetivo do PT à sua candidatura, apesar de ter sido incentivado pelo próprio presidente Lula a concorrer ao governo. Ele espera uma manifestação da direção do PT no estado para, então, se decidir.

Ex-líder do PT na Câmara, o deputado mineiro Odair Cunha acredita que seu partido poderá acei-

tar o palanque duplo. “Não estou acompanhando de perto as negociações. Mas creio que o Lula fará o que precisará ser feito”, disse à coluna.

Minas Gerais, com 16,5 milhões de eleitores, é o segundo maior colégio eleitoral do país, atrás apenas de São Paulo. Lula considera o estado decisivo para a disputa pela reeleição. Desde a redemocratização, nenhum presidente da República foi eleito sem obter a maioria de votos dos mineiros.

É exatamente por isso que Lula insiste com Pacheco como candidato: o presidente precisa de um palanque forte no estado. A prefeita de Contagem, Marília Campos, que cumpre seu quarto mandato à frente do terceiro maior colégio eleitoral do estado, é a mais forte candidata do PT ao Senado.

Na avaliação do Palácio do Planalto, a aliança do cabeça da chapa, Rodrigo Pacheco, com o PSDB pode aparar arestas das animosidades que ainda resistem e trazer apoio do eleitorado de centro ao presidente Lula.

Esse tipo de palanque duplo chegou a ocorrer em 2002, quando Lula concorreu ao Palácio do Planalto contra o senador tucano José Serra (SP). O petista teve o apoio explícito de Itamar Franco (MDB), então governador, que montou um palanque de apoio a Lula com a simpatia do candidato tucano ao governo, Aécio Neves. Formou-se, na época, uma chapa alternativa apelidada de “Lulécio” (Lula para presidente e Aécio para governador), que saiu vitoriosa.

Com a eleição de Dilma Rousseff em 2014, PT e PSDB romperam seus laços de proximidade política. Pacheco agora tenta reeditar. Quem sabe?

Editorial

Crise hídrica e a urgência de planejamento climático em São Paulo

São Paulo, maior metrópole do hemisfério sul, enfrenta um paradoxo preocupante: enquanto registra períodos de seca severa, convive simultaneamente com enchentes repentinas e intensas. A crise hídrica não é um fenômeno isolado, mas consequência direta da mudança climática global combinada a décadas de planejamento urbano insuficiente. Reservatórios estratégicos, como o Sistema Cantareira e o Alto Tietê, alcançam níveis historicamente baixos, enquanto chuvas torrenciais em áreas urbanas provocam alagamentos que paralisam bairros, interrompem o transporte e colocam vidas em risco.

O impacto social é profundo e desigual. Famílias em áreas periféricas sentem mais intensamente a falta de água e os efeitos das inundações, refletindo desigualdades históricas na distribuição de infraestrutura. A agricultura regional e o abastecimento industrial também sofrem com a escassez hídrica, repercutindo no aumento do custo de alimentos e serviços essenciais. Assim, a crise hídrica se transforma em um problema econômico, social e ambiental, afetando direta e indiretamente a vida de todos os paulistas.

Não há soluções simples ou imediatas. A gestão da água exige planejamento integrado, combinando investimentos em reservatórios, sistemas de captação de chuva, reuso de água e educação ambiental. Medidas emergen-

ciais, como racionamentos temporários, apenas transferem o ônus para os mais vulneráveis e postergam a necessidade de ações estruturais. É urgente que políticas públicas tratem a cidade como um ecossistema complexo, em que cada bairro, rio e parque contribuam para a resiliência coletiva.

A crise hídrica também expõe a fragilidade do modelo de ocupação urbana. Expansão desordenada em áreas de risco aumenta a vulnerabilidade a enchentes e deslizamentos. Revisar planos diretores, investir em drenagem sustentável, recuperar matas ciliares e proteger nascentes são medidas essenciais, capazes de mitigar os impactos das intempéries. Paralelamente, a população precisa assumir seu papel ativo, reduzindo desperdício, pressionando por políticas eficazes e valorizando práticas de consumo consciente.

Se São Paulo ignorar essa realidade, compromete seu futuro. O desafio não é apenas sobreviver a períodos de seca ou chuva extrema, mas repensar o desenvolvimento urbano, a proteção ambiental e a gestão de recursos hídricos como um compromisso coletivo. A maior capital do país precisa urgentemente unir planejamento, ciência e cidadania para transformar a crise em oportunidade de resiliência e sustentabilidade. Só assim a cidade poderá garantir água, segurança e qualidade de vida para as próximas gerações.

Opinião do leitor

Dirija seguro

A atenção na condução de veículo vai bem além do óbvio, como não beber e dirigir ou usar o celular. É proibido usar telefone celular enquanto se dirige. Quando o seu tocar, estacione o carro em local seguro e só então atenda. Falar ao celular atrapalha a concentração e provoca acidentes. Quem põe vidas em risco não merece carteira de motorista.

José Ribamar Pinheiro Filho
Brasília - Distrito Federal

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Cláudio Magnavita (Publisher)
claudio.magnavita@gmail.com

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sã e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.